

# economia

## ‘Open Finance já mudou o eixo do sistema financeiro’

Serviço pode baratear o crédito no Brasil, afirma economista

### / MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar  
gabrielm@jcrs.com.br

Em meio ao avanço das chamadas agendas estruturais no Brasil, um conceito ainda pouco compreendido pelo público geral já começa a alterar, na prática, a forma como os brasileiros lidam com dinheiro, crédito e investimentos. O Open Finance, sistema idealizado pelo Banco Central que permite o compartilhamento de dados financeiros entre instituições, vem sendo tratado por especialistas não apenas como uma inovação tecnológica, mas como uma mudança de eixo no próprio funcionamento do sistema financeiro.

À frente da Open Finance Brasil, a economista Ana Carla Abrão defende que o modelo representa um ponto de inflexão em uma agenda iniciada ainda nos anos 1990, com impacto direto sobre o custo do crédito, a concorrência bancária e a autonomia dos consumidores. Nesta entrevista ao Jornal do Comércio, ela detalha como o sistema já funciona na prática, os desafios para ampliar o uso e o que ainda falta para que os efeitos sejam percebidos em escala.

Apesar da percepção de que o tema ainda é distante para parte da população, os números mostram um cenário mais avançado. Segundo a diretora, cerca de 49% dos brasileiros com conta bancária já autorizaram o uso do Open Finance, índice que reforça o estágio de consolidação do sistema no dia a dia financeiro.

**Jornal do Comércio - O Open Finance costuma ser citado como parte das mudanças estruturais do País. Onde exatamente ele se encaixa nessa agenda e como descrevê-lo?**

**Ana Carla Abrão** - Para entender o Open Finance, é preciso voltar alguns passos. Ele é resultado de uma agenda que começou no fim dos anos 1990, com a adoção do regime de metas de inflação, ainda na gestão de Armínio Fraga no Banco Central. Naquele momento, já se identificava a necessidade de melhorar a eficiência do canal de crédito, que é fundamental para a transmissão da política monetária. Ao longo dos anos,

várias medidas foram sendo implementadas: alienação fiduciária, crédito consignado, cadastro positivo. Todas tinham um objetivo comum: ampliar o acesso ao crédito e reduzir seu custo. Essa agenda evoluiu, passou pelo BC+ e culminou no lançamento do Pix e do Open Finance, já em 2020. O Open Finance, especificamente, atua sobre o mercado de dados. Ele busca tornar o sistema mais eficiente, competitivo, acessível e democrático. Por isso, é uma agenda estruturante construída ao longo de duas décadas.

**JC - Dá para dizer que estamos diante de uma reforma do sistema financeiro, então?**

**Ana Carla** - Eu diria que é mais do que uma reforma. É uma revolução baseada em um novo princípio: o poder sobre os dados financeiros deixa de estar concentrado nas instituições e passa para o consumidor. É o cliente quem decide compartilhar suas informações para obter melhores condições de crédito, serviços mais eficientes e investimentos mais rentáveis. Essa mudança de eixo altera profundamente a dinâmica do sistema.

**JC - Apesar do avanço, o Open Finance ainda parece distante para parte da população. O que falta para ampliar o alcance - e o que ele já mudou na prática?**

**Ana Carla** - Os números mostram que essa percepção, que é comum, não reflete totalmente a realidade. Hoje, cerca de 49% das pessoas com conta bancária já deram consentimento para uso do Open Finance. É um nível de adesão muito elevado, o maior do mundo. O sistema brasileiro é referência internacional em número de participantes, uso e capacidade técnica. São mais de 750 instituições conectadas e cerca de 10 bilhões de chamadas de dados por semana. O que falta agora é ampliar a comunicação e garantir que mais pessoas entendam que se trata de um ambiente seguro, regulado e feito para gerar benefícios diretos.

**JC - E esses benefícios já são perceptíveis no dia a dia? Pode dar exemplos concretos?**

**Ana Carla** - Sim, já são. Um dos principais é a portabilidade de crédito. Hoje, você pode migrar

um empréstimo de uma instituição para outra com melhores condições diretamente pelo celular. A nova instituição consegue acessar seu histórico e oferecer uma proposta mais vantajosa - e isso fica transparente para o cliente. Outro exemplo é a centralização de contas. Você pode visualizar saldos de diferentes bancos em um único aplicativo e até realizar pagamentos a partir dele. Também há avanços em investimentos. Ao compartilhar seus dados, uma instituição pode te oferecer alternativas mais rentáveis com base no seu histórico. E até pagamentos via aplicativos de mensagem já fazem parte desse ecossistema. Muitas vezes, as pessoas já utilizam esses serviços sem perceber que estão usando o Open Finance.

**JC - A portabilidade de crédito pode ser um divisor de águas para reduzir o custo do crédito no Brasil?**

**Ana Carla** - Sem dúvida. Esse é o primeiro caso em que o impacto sobre o crédito é direto e visível para o consumidor. Antes, o efeito era mais indireto, via melhora na análise de risco. Agora, o cliente consegue ver exatamente quanto está economizando. E isso tende a evoluir para outras modalidades, como consignado, financiamento imobiliário e crédito para veículos. É o início de uma transformação com potencial de reduzir o custo do crédito no país.

**JC - Já é possível dizer que o aumento da concorrência está reduzindo juros, ou isso ainda é incipiente?**

**Ana Carla** - Já existem evidências, mas ainda pontuais. Algumas instituições relatam redução de taxas ao usar dados do Open Finance para fazer ofertas mais



O poder sobre os dados financeiros deixa de estar concentrado nas instituições e passa para o consumidor



Ana Carla Abrão detalha como o modelo funciona na prática

competitivas. O próximo passo é medir isso de forma estruturada. Estamos criando uma área específica de avaliação de impacto para acompanhar, por exemplo, quanto o custo do crédito cai após a portabilidade. Esse tipo de evidência deve começar a aparecer de forma mais consistente ao longo do tempo.

**JC - Quando se fala em juros no Brasil, o foco costuma ser a Selic. Mas o problema está mais na taxa básica ou na estrutura do sistema?**

**Ana Carla** - O custo do crédito no Brasil é resultado de vários fatores. A Selic define um piso, mas há outros componentes importantes: inadimplência, custos administrativos, carga tributária. Um ponto central é a assimetria de informação. Instituições têm dados limitados sobre o cliente, o que encarece o crédito. O Open Finance reduz essa assimetria ao permitir uma visão mais completa do histórico financeiro. Isso melhora a precificação e aumenta a concorrência, dois fatores fundamentais para reduzir juros.

**JC - Mesmo com alguma melhora recente, o endividamento das famílias segue alto em todo o Brasil. O problema hoje é mais renda, juros ou comportamento financeiro?**

**Ana Carla** - Há uma combinação de fatores. O patamar elevado da taxa de juros encarece o crédito e pressiona o endividamento - esse é um fator conjuntural. Mas também há questões estruturais, como o uso excessivo do crédito rotativo, que é muito caro. Isso aponta para um problema de educação financeira. A composição do crédito no Brasil ainda não é favorável, e isso precisa ser ajustado ao

longo do tempo.

**JC - Depois da reforma tributária, qual é o principal gargalo para o crescimento do País?**

**Ana Carla** - Na minha visão, é produtividade. E isso envolve vários aspectos: eficiência do Estado, qualidade da educação, funcionamento do mercado de crédito. Sem ganhos consistentes de produtividade, o crescimento sustentável fica comprometido.

**JC - Mas, na sua visão, o Brasil avançou o suficiente para crescer de forma sustentada ou ainda precisa de mais reformas relevantes?**

**Ana Carla** - Ainda precisamos avançar, com certeza. O País tem feito reformas de forma gradual, muitas vezes a conta-gotas. Tivemos momentos importantes, como nos governos Fernando Henrique e Temer, e agora a reforma tributária. Mas ainda há uma agenda relevante, especialmente na reforma do Estado e em medidas microeconômicas. Sem isso, os ganhos de produtividade, que eu citei anteriormente, ficam limitados.

**JC - Por fim: como, na prática, o consumidor ativa o Open Finance?**

**Ana Carla** - O processo é simples. Dentro do aplicativo dos principais bancos brasileiros, existe a opção “Open Finance”. Ao selecionar, o usuário escolhe quais instituições deseja conectar. Ele é redirecionado para autenticar o acesso nessas instituições e, ao confirmar, as contas passam a compartilhar dados de forma segura e padronizada. Esse processo envolve múltiplas camadas de segurança, garantindo que o compartilhamento ocorra com total controle do usuário.